



O GALATO



PORTE
PAGO

Quinzenário * 27 de Outubro de 1984 * Ano XLI — N.º 1060 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

APRENDIZAGEM

Tenho diante de mim o decreto-lei emanado dos Ministérios da Educação e do Trabalho e Segurança Social, datado de 29/Março/84, que tem por objecto «a disciplina jurídica da formação profissional inicial de jovens em regime de aprendizagem».

A oportunidade deste documento diz-no-la «a existência de milhares de jovens que anualmente deixam o sistema oficial de ensino, com ou sem a escolaridade obrigatória, mas quase sempre sem qualquer preparação profissional», o que «constitui causa relevante das elevadas taxas de desemprego juvenil que hoje se verificam».

Com efeito, no 2.º semestre de 1979, segundo números do Instituto Nacional de Estatística (hoje agravados, conforme o revela o Inquérito Permanente ao Emprego) havia 226.000 jovens desempregados entre os 10 e os 24 anos — o que significa uma taxa de desemprego juvenil de 18,9%; e, em relação ao desemprego total, 65,7%. Quer dizer: a taxa de desemprego juvenil é 5 vezes maior que a relativa à população adulta (18,9% para 3,6%); e maioritária, também, no que respeita ao tempo de expectativa de emprego.

Um outro quadro estatístico referente à mesma amplitude etária, 10-24 anos, distribui os desempregados à procura de primeiro emprego segundo o seu grau de instrução e dá-nos as seguintes percentagens:

Sabendo ler e escrever — 3,0
Com o Ensino Primário — 74,7

Com o Ensino Secundário — 21,7

Com o Ensino Superior — 0,6.

Estes números dão-nos um panorama sombrio e chamam a atenção para anomalias graves como esta: Cerca de 100.000 cidadãos do nosso País, entre os 10 e os 14 anos, são declarados população activa, concorrente, portanto, no mercado de trabalho.

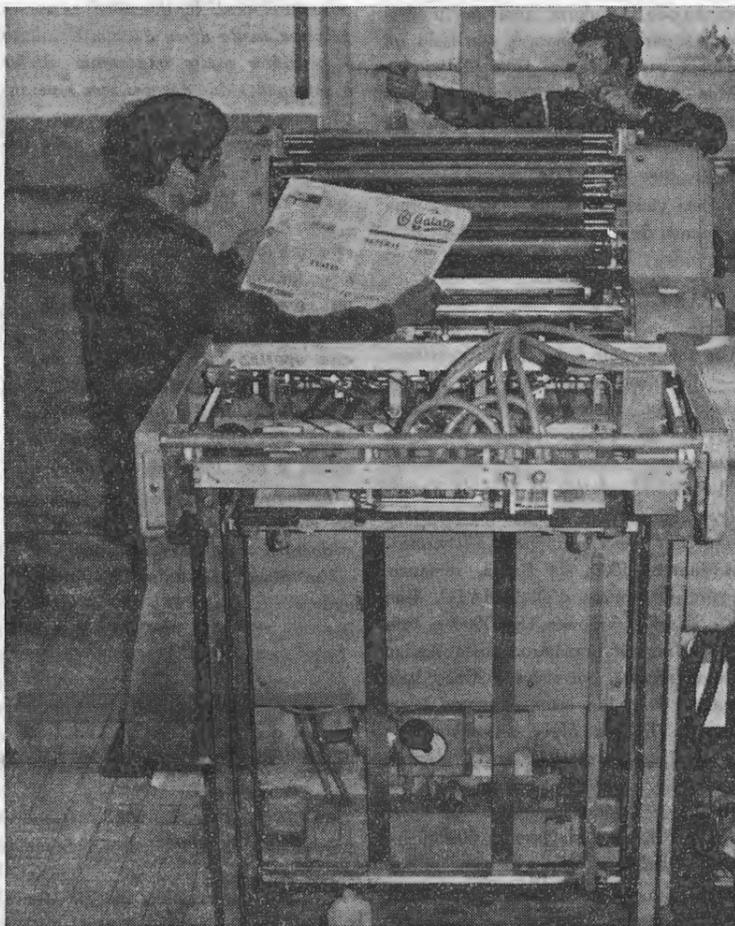
Na verdade, este período etário (estendido mesmo a idades mais avançadas) é, naturalmente, um tempo de preparação. Eles deixariam de pressionar o mercado de trabalho se houvesse a consciência cívica generalizada da importância de inves-

tir agora em formação para colher mais tarde frutos de profissionalismo sério; e houvesse estruturas educacionais suficientes e condições económicas que permitissem às famílias dispensar as achegas do trabalho de crianças e adolescentes. Realmente é de penúria, talvez primeiro cultural do que económica, o ponto da situação.

Nos 100 por cento do desemprego juvenil, 77,7% pesam sobre a camada que atingiu, quando muito, a 4.ª classe. E logo a seguir — quase o resto da totalidade — vêm os com habilitações de nível secundário, mas sem quaisquer conhecimentos de natureza profissional. Dizem os especialistas que este índice tem vindo a crescer com o aumento da escolaridade, «sendo muito provável que os principais problemas de desemprego, nos próximos anos, se situem neste grupo».

Eis o contexto de veras preo-

Cont. na 3.ª pág.



O problema da Aprendizagem — tendo em conta a sua dimensão e consequências — requer a adopção de medidas urgentes que confirmem aos jovens que procuram o primeiro emprego, a indispensável habilitação profissional.

TRIBUNA DE COIMBRA

● O Zé Luís vinha encantado e contou: À porta da igreja da cidade, onde há anos vai vender O GALATO, uma senhora tirou-lhe o jornal da mão, deu-lhe uma *tablette* grande de chocolate, um beijo e foi-se embora.

O rapaz vinha encantado e feliz e contagiou os outros e toda a viagem foi alegre. Todos participámos da sua felicidade e comentámos. Quanto custa uma *tablette* de chocolate? E das grandes? Quanto vale um beijo de amor? Quanto vale um sorriso a um garoto filho duma mãe que não foi capaz de se defender do homem sensual que abusou dela? Quanto vale o carinho dado a um jovem que foi perflhado por um homem que não é o pai?

Eles, quando chegam da venda d'O GALATO, vêm sempre tão carregados de mimos! Estão tantos dos seus mais amigos à espera! A espera de ti, querido leitor, que recebes bem os pequenos distribuidores do «Famoso».

● Ontem, a meio da tarde soalheira, de regresso da nossa reunião no sul, na grande estrada encontramos um estendal de sujidade! Muitas mulheres desnudadas, em posição de desafio de entrega, cigarro na boca, à espera da animalidade! Que marcos tão tristes e tão espalhados, hoje, pelas bermas das nossas estradas! Comércio agora tão procurado! Vidas tão degradadas! Paisagem tão triste!

Alguns dos nossos têm a mãe na prostituição da estrada. Os que já são capazes de entender, sofrem tanto com a escravidão das mães...!

Não há autoridade policial capaz de limpar? Não há consciência humana que se deixe ferir e que levante pregão e faça campanha de limpeza? A sujidade está a alastrar-se. Já não nos incomoda?...!

Cheguei a casa muito ferido — e deixo aqui o meu grito de sangue!

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

«Eu sei que nada adianta dizermos que isto anda mal, se não damos um passo à frente para que isto vá melhor. De nada valem as lamentações, de nada valem os projectos se não se fizerem obras. É necessário que os homens responsáveis olhem e trabalhem mais afinadamente em prol daqueles que necessitam do seu auxílio» (Pai Américo).

Há quase dois anos que não escrevemos para O GALATO! Razões físicas, e não só, têm-nos impedido o contacto com os Leitores. Retomá-lo, sem que aquelas tenham deixado de persistir, constitui — porque não dizê-lo? — grande sacrifício. Não queremos, porém, eximir-nos a tal, porque também temos consciência das nossas obrigações e não somos insensíveis aos inúmeros apelos recebidos, aliados aos mais variados sinais de amizade e aos

cuidados postos com o nosso estado de saúde. Bem hajam todos os que, directa ou indirectamente, pessoalmente, por escrito ou pelo telefone, se quiseram inteirar de tal.

Escrever para O GALATO é, para nós, missão espinhosa! Pai Américo deixou-nos dito que o fizéssemos como quem reza. Arauto da Verdade, paladino da Justiça, exige de quem escreve muita coerência e total autenticidade, mau grado as insuficiências humanas. Vamos tentar fazê-lo na mesma linha de sempre, frontalmente, de maneira desassomburada, sem ataques pessoais mas denunciando os erros e os desvarios dos homens, doa a quem doer, que a Verdade e a Justiça acima referidas assim o impõem e os direitos dos Pobres e dos que não têm voz o reclamam.

De facto, de «nada adianta dizermos que isto anda mal» ou mesmo, como se constata, que

isto vai péssimo e que a situação geral do nosso pobre País se degradou ao longo da nossa ausência destas colunas, apesar das promessas dos «messias» que por aí se multiplicam, oferecendo o paraíso terreal. As imoralidades aumentam a cada passo, aos mais variados níveis, arrastando na sua acção demolidora todos os salutares princípios e as tradições mais benéficas, ainda que seculares, da boa gente portuguesa. Um materialismo desenfreado é a norma; toda a gente quer enriquecer, ainda que recorrendo a golpes, depressa e facilmente. Os roubos e a corrupção são uma realidade como nunca, misturados com a demagogia mais descarada, delapidando os dinheiros públicos e não só. Há os que não trabalham e querem receber ordenados chorudos, enquanto há os que trabalham

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ela mora nos contrafortes do Mózinho, cidade-morta cuja descoberta se deve a investigações arqueológicas do Padre José Monteiro de Aguiar — irmão de Pai Américo — que nos marcou pelo seu perfil discreto. Quanto realizou ele, apaixonadamente, baseado em dados científicos — no estudo ou na reflexão de elementos recolhidos, em pesquisas! É uma delícia ler o que nos deixou, em letra de forma, por várias publicações, especialmente sobre a riquíssima história do concelho de Penafiel — tão ligada à fundação da Nacionalidade.

A Pobre, que referimos, reside numa linda cascata rendilhada de vinhedos, ribeiro no sopé, e de viçosos lameirões para alimento do gado. Não fossem as carências materiais, a toska moradia, a solidão, ela estaria num paraíso, respirando o cheiro dos eucaliptos, dos pinheiros; ouvindo o chilrear dos passarinhos, o latir dos cães, o balir das ovelhas; ou extasiada com a acção das abelhas — que são mestras!

Para esta pobre mulher, doente, nos limites da terceira idade, requeremos, há mais de um ano, a Pensão Social — nos termos da legislação em vigor. Já foi chamada ao médico; o funcionário da Caixa procedeu à análise do caso — no domicílio da requerente. Mais nada...!

Estranhámos o impasse, embora a Pobre esteja marcada com uma história inédita, que não revelamos por amor à sua privacidade. Os Pobres merecem o nosso respeito — muito respeitinho!

● No encontro regular, d'oração e reflexão, onde pousamos na mesa a cruz e o calvário dos Pobres — para uma acção mais eficaz — destinámos pequenos auxílios a dois Autoconstrutores. A verdade é que, apesar da crise — e porque faltam moradias no mercado da habitação — os mais afoitos lutam desesperadamente

te contra ventos e marés, só com a ajuda de amigos e familiares — e realizam o incrível!

A um destes heróis (profissional de Artes Gráficas) deu-lhe a mão um companheiro de trabalho (recoveiro dos Pobres), dos alicerces à cornija, ao telhado. Ele poderia gozar os fins-de-semana como alívio das deslocções diárias ao Porto, onde é o seu ganha-pão; poderia reservar o descanso para minimizar o sacrifício da esposa — têm um filho deficiente. Mas dispôs-se, com alegria, mangas arregaçadas, a servir um companheiro de profissão. — *O ... vai ficar tão contente com as quinze notas!...*

Este vicentino é um semeador, uma presença de Igreja!

PARTILHA — Fiães, 1.000\$00: «Este mês, a oferta é maior...»

Um cheque com «saudações vicentinas» — dum antigo recoveiro dos Pobres, de Braga. O costume da assinante 19177, do Porto. «Uma portuense qualquer» manda «a migalhinha (1.000\$00), relativa ao mês de Setembro, para auxílio dos muitos encargos materiais da Conferência Vicentina». Assinante 21533, de Braga, remanescente de contas d'O GALATO. Rua do Padrão, Valongo, 1.000\$00 e roupas. Um luso-brasileiro, nosso Amigo desde sempre, em visita à Mãe-Pátria nunca deixa de estar connosco — e com os Pobres. Mais um cheque de «Velha Amiga da Figueiras». Assinante 16636, 500\$00. Cheque de Alpedrinha e promessa de mais. Vãlares (Vila Franca das Naves), 500\$00 — «para ajudar os Pobres».

A Cancerosa continua a fazer sangue no coração dos leitores! É uma luz a caminho da Luz eterna. Os samaritanos acorrem e dão a mão; e nós levamos, em cadeia, para sua casa, discretamente, o amor de todos, reflectido em notas de cinco contos, por cada visita. Assim, tornamos o seu calvário menos doloroso.

Entre os samaritanos, da Cancerosa, temos 1.000\$00 de «uma assinante da casa dos 100 e amiga desde O GAIATO n.º 1, com poucas palavras...» — para «que Deus a alivie um pouco». E «Uma Maria de Oledo»: «O meu contributo é pouco, mas de todo o coração». Aqui está o valor!

Depois, uma valiosa oferta da avenida da Liberdade, Lisboa:

«Enviei um vale de correio para uma doente em fase adiantada de doença maligna. Ora deu-se a coincidência de ler o caso n'O GAIATO. Chegada a Alcobaça e recebendo, por essa altura, um cheque com dinheiro que não esperava pensei logo que parte dele seria empregado em medicamentos e alívio desses doentes — principalmente dessa doente. Continuo a considerar muito importante aliviar o sofrimento dos doentes sem esperança — e quanto menos esperança houver, e maior o sofrimento, mais importante...»

Assinante 1896, também da Capital: «Se não compareci mais cedo com esta migalhinha ínfima de mil escudos, foi que por vezes acontece não ter tempo de ler oportunamente O GAIATO e vou-os juntando até ter essa oportunidade. Vivo intensamente esses problemas todos e lamento não ajudar mais. Rezem um Pai-Nosso por alma do João, que também muito sofreu e que Deus já lá tem.»

Assinante 26471, de Algueirão, vale de correio para «uma senhora idosa e doente» — e para a Cancerosa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

ELEIÇÕES — Em 6 de Outubro procedemos à eleição do chefe-maioral.

Antes da votação o Padre Moura leu um trecho de Pai Américo sobre o acto eleitoral, a responsabilidade dos chefes — nas Casas do Gaiato — e bem assim a necessidade de todos aliviamos a carga deles, que não é pequena!

Foram propostas cinco candidaturas: «Lourinho», Nave, José Carlos, David e Manuel Augusto — eu.

Na primeira volta não houve maioria absoluta para o mais votado — «Lourinho» — que obteve 29 votos. Então, realizámos um segundo escrutínio para os dois mais votados: «Lourinho» e Nave. Antes, porém, o nosso Padre Telmo disse a necessida-

de de votarmos conscientemente, e que as nossas eleições não admitem abstenções, como noutras. O ambiente aqueceu, e foi um escrutínio muito



O «Lourinho», eleito chefe-maioral da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.



O Nave, sub-chefe, colabora na mesma responsabilidade.

renhido: o «Lourinho» 35 votos e o Nave, 34. O novo chefe-maioral, eleito democraticamente, sentiu o peso da responsabilidade; e apesar da malta lhe pedir uma palavrinha — não falou! Levantou-se o chefe cessante que referiu o indispensável para aquela hora e para as responsabilidades do novo chefe que, disse, «precisa da ajuda de todos, todos».

VISITA — Aproveitando o fim-de-semana prolongado, no princípio do mês, estiveram connosco os antigos gaiatos de Setúbal. Almoçaram e jantaram com a nossa malta. Participaram na santa Missa, cantaram e gostaram muito deste convívio.

Foi um dia cheio de alegria para toda a nossa Família!

VINDIMAS — Terminaram as vindimas e, como já tínhamos dito, da melhor maneira. Não faltou a sardinha assada com broa e vinho!

Enchemos as cubas de vinho branco e tinto — do melhor «verde» da região.

É um sacrifício para quem fica na adega a trabalhar pela noite dentro, mas sempre com boa vontade.

ANO ESCOLAR — Já principiou o novo ano lectivo: Escola Primária, Telescola e Ensino Secundário (diurno e nocturno). Temos mais estudantes nesses vários graus de Ensino.

Esperamos bons resultados para a maioria dos nossos companheiros, e que seja um ano de alegria dentro das quatro paredes de aulas.

DESPORTO — O torneio que organizámos, em nossa Casa, decorreu da melhor maneira — apesar de ter sido feito à pressa — em homenagem ao Álvaro que vai seguir para Angola.

Agradecemos as facilidades concedidas pelas entidades oficiais e pelos Bombeiros V. Paço de Sousa — em provas de estrada.

Manuel Augusto («Chinês»)

MIRANDA DO CORVO

RETIRO — O tempo de férias não é, forçosamente, um tempo de ociosidade. Em nossa Casa não é; há sempre algo para ocupar os nossos rapazes: trabalhos para fazer e outras coisas necessárias para que tudo esteja em ordem. Em dia têm que estar também as nossas obrigações para com o Senhor. Ele tem sempre um lugar em tudo, menos no esquecimento. A vida diária desliga-nos por vezes das nossas obrigações para com Ele, pois nos jovens é maior a tendência para o afastamento... Tudo o que não é evidente e provável para o raciocínio humano, não tem lógica na problemática do pensamento materialista. Por exemplo: Deus — embora seja o Verbo. Ele sente-se na alma, no coração. É um sentir dogmático que nenhuma filosofia pode destruir — se houver fé.

Foi para avivar a fé que os nossos rapazes mais velhos estiveram dois dias reunidos no nosso Lar, em Coimbra. Connosco esteve o Padre Virgílio para dirigir o encontro, e somente Deus a presidir-lo. Todas as questões e temas tratados no Retiro exigiam uma reflexão interior, um profundo exame de nós próprios, e a cada passo descobríamos uma imensa fome divina! Era como que um banquete, no qual cada iguaria abria o apetite para novas iguarias, sem nunca conseguirmos comer totalmente a principal; só migalhas!

Tivemos oportunidade de conhecer melhor o nosso Deus e Senhor conhecendo-nos melhor a nós próprios e aos Outros.

Quantas vezes já tentámos explicar o inexplicável e sentimo-nos frustrados com a falta de resposta?! Só Deus é resposta para tudo!

FESTA — Foi no último fim-de-semana, de férias. Eram oito, todos vestidos de branco — vestes e cravos do mesmo tom. Faziam fila para comerem, pela primeira vez, à Mesa do Senhor. Entre eles, um que momentos antes fora baptizado. Tem nove anos e agora pertence à Família cristã por sua própria vontade. Para padrinhos escolheu um dos nossos rapazes mais velhos e uma senhora — também da família.

Ele e mais sete fizeram a primeira Comunhão — preparados com antecedência.

Com eles rejubilámos, festivamente, e compartilhámos o Pão que o Senhor nos dá. Fomos testemunhas do Acto, cujas súplicas prometemos cum-



Um grupo de atletas da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que participou no Torneio das Vindimas.



SETÚBAL

No fim de Julho acabámos a casa 4 — a última das que jurámos reconstruir. Foi uma maratona, dia e noite, a viver à pressão e a trabalhar com entusiasmo para que os mais pequeninos, regressando do seu mês de férias na Arrábida, tivessem casa nova.

Está tão bonita a casa 4!... Sala comum com televisão, lareira, sofás, tapete e decoração!... Quartos de cinco camas com escadinhas rústicas para o primeiro andar; todos alcatifados. Balneário amplo, arejado e encantador com duchas quentes e frias, bacias em abundância e uma pia para lavar os pés munida de torneiras com água quente e fria! Uma sala de estudo e uma pequena rouparia, que é também quarto de Senhora com seu WC privado. Um corredor amplo pintado a «carapas», alumiado à noite de belos candeeiros confeccionados na nossa oficina de serralharia! Um amor de casa! Uma maravilha de encantar crianças e adultos! Uma construção feita no espaço onde antes se viam apenas duas grandes, frias e

prir; cantámos a alegria e a imensidão do Senhor; renovaremos dia-a-dia a nossa promessa; e juntos rezaremos para que a brancura das suas vestes não fique manchada.

Senhor, fazei-nos instrumentos da Vossa Paz!

Chiquito-Zé



A Celeste e o Miguel contrairam Matrimónio, em 15 de Julho, na Capela da nossa Aldeia — em Paço de Sousa.

desumanas camaratas! O nosso arquitecto trabalha por «amor a Nosso Senhor» — como ele diz e faz! Das suas mãos e da sua alma de artista brotam maravilhas! Tudo é trabalho dos rapazes e aproveitamento daquilo que a «normalidade» considera lixo! Ainda os pintores não haviam bem começado já os pedreiros deitavam abaixo o tecto das Escolas, algumas paredes e faziam buracos. Queríamos ter reconstruído as três salas de aula durante as férias grandes!

Nem pedreiros nem serventes nem eu tivemos férias! Tem sido uma luta enorme contra dificuldades e imprevistos!

Sobre as três salas de aula já existentes, corredor e balneário, pusemos uma placa capaz de receber mais quatro salas com corredor de distribuição de alunos e respectivo balneário de apoio.

Pensamos, assim, situar todo o Ensino básico no mesmo local, ele que ainda se encontra disseminado por várias salas distantes umas das outras, na nossa Aldeia.

Foram três dias a fazer massa e a carregá-la às costas, nos braços, aos ombros e de todo o modo!

APRENDIZAGEM

Cont. da 1.ª pág.

cupante em que surge a Lei da Aprendizagem. «Este problema — lê-se no preâmbulo dela — tendo em conta a sua dimensão e consequências, requer a adopção de medidas urgentes que confirmam aos jovens que procuram o primeiro emprego, a indispensável habilitação profissional». (...) «Indispensável para lhes assegurar uma mais fácil inserção e integração socio-profissional», e indispensável, também, «para se prepararem trabalhadores aptos para o exercício de profissões qualificadas, preenchendo-se assim uma grave lacuna que tem afectado significativamente as nossas empresas e dificultado a desejável modernização da economia portuguesa».

Porque a matéria é densa e me parece vantajosa a divulgação destas ideias e a demora da nossa atenção sobre elas, não tentarei dizer hoje em que consiste a Lei da Aprendizagem e que novidades nos promete.

Quero apenas sublinhar eu próprio, o qualificativo de urgente que o legislador lhe dá. É lamentar que, tendo já expirado «o prazo de 120 dias a contar da entrada em vigor do presente diploma», prazo consignado para a sua regulamentação, tanto quanto consegui saber, esta esteja ainda no segredo dos deuses, senão caída no esquecimento.

Padre Carlos

Levou-nos 360 contos de ferro, 100 de cofragem e dezenas de carradas de pedra e de areia!... Camisas e camisas encharcadas em suor, rostos e cabeças salpicadas de cimento, borbulhas e borbulhas nas mãos e muitas dores de braços, ombros e o corpo todo! Um formigueiro admirável e uma vontade enorme de acabar a placa!

Foi nos princípios de Setembro!

Organizados em equipas de quatro ou cinco deles, punham na betoneira: uma, areia; outra, pedra; outra, cimento e água; outra, ainda, enchia baldes de betão pronto!

Uma bicha incansável de mais de vinte rapazes levava e trazia os baldes cheios e vazios. Outra equipa dos mais robustos subia os mesmos para o primeiro piso e andares de três lanços. Outro formigueiro ainda passava, de mão em mão, os baldes em torno e retorno por cima de vigas e tijoleiras! Finalmente, a última equipa

vazava a argamassa e aconchegava-a nas vigas e placa com ferros, ripas, enxadas e um vibrador! No meio de todos — orientando aqui, estimulando acolá e ajudando — sempre eu, sem capacidade nenhuma para gozar o espectáculo admirável de trabalho em conjunto, realizado por jovens e adolescentes, animados de uma alegria e vontade só igualáveis noutras Casas do Gaiato!

Eu nunca vi em parte nenhuma do Mundo, nem conheço alguém que me conte cenas de maravilha que os rapazes me deram a observar naqueles três dias! Queremos que as salas de aulas fiquem apetecidas, cheias de luz, de alegria e de beleza.

Quero comunicar, ainda, que o Senhor veio ao nosso encontro, sem que para tal tivéssemos dito uma palavra. Foi pelo coração de um casal benfeitor, de há muito, a sangrar em chaga viva há nove anos! A sua filha morrera num acidente brutal, em circunstâncias dila-

cerantes! Uma jovem na pujança da vida!

Trouxeram-nos o seu seguro! Na altura tinha grande valor. Hoje, com a interminável descida do escudo, chega para pouco. Demoras de tribunais! Mas o gesto e o carinho não desvalorizam. 135 contos!

Uma viúva, já aqui falada, trouxe — em memória do seu marido — dez mil escudos. Pela Páscoa havia deixado, nas minhas mãos, vinte contos e eu não disse nada no jornal. Perdoe-me minha senhora! É raro o dia que no altar de Deus não imploro misericórdia para os nossos benfeitores defuntos!

O Pai do Céu não se esquece como eu! Muitos anónimos a pedir rigoroso sigilo continuam a afluir diariamente!

Os peditórios de Agosto deram-nos fôlego para continuar.

As nossas obras são feitas de grandezas sobrenaturais e humanas.

Doutro modo era impossível!
Padre Acílio

Cont. da 1.ª pág.

AQUI LISBOA!

o, pecado de bradar aos céus!, não recebem o justo salário. O sentido de fidelidade vai-se dessorando velozmente, com as consequências nefastas que se apalham de modo claro nas relações individuais e colectivas, nas famílias e fora delas. A prostituição aumenta em vários quadrantes, que não só nos estratos que alimentam a «escravatura branca» das estradas e dos lupanares, de maneira sofisticada mas real. As escolas não funcionam ou funcionam mal, porque não há autoridade e se pensa ou age como se não existissem aqueles por quem e para quem elas são primariamente. Os jogos de azar espalham-se por toda a parte, sem que haja mãos que dominem tal praga, grave tentação para muitos, nomeadamente os jovens. O contrabando e os negócios mais inconfessáveis proliferam, ao lado duma habitação às «luvas» e

aos processos subterrâneos para obtenção de lucros fáceis e imediatos. Os vira-casacas, sem dignidade de qualquer espécie, enxameiam por aí e o nepotismo mais descarado é bem palpável. Os abandonos de crianças e de pessoas idosas ou doentes aumentam. «Os outros que se tramem» — como ouvimos dizer aos nossos Rapazes — pois, o que importa é uma vida fácil, de gozo desmedido, no esquecimento dos Outros ou no seu espeziñar. E mais, muito mais, que escrevemos ao correr da pena, para lá da fome que, quer queiram ou não os «grandes» desta terra, existe neste jardim à beira-mar plantado...

Não queremos ser pessimistas, antes realistas. O quadro negro esboçado está longe de ser completo. Temos ainda esperança, mas para que esta se

consuma é preciso darmos «um passo em frente para que isto vá melhor». É preciso que os Homens bons do nosso País, que os há, graças a Deus, tenham consciência das suas graves obrigações e se disponham a lutar para que as coisas mudem. Sem valores morais não pode haver uma sociedade sadia; e é lutando pela sua observância e pela sua concretização que se muda a face da Terra. E, como disse Pai Américo, «de nada valem as lamentações, de nada valem os projectos se não se fizerem obras». O resto é conversa fiada, em que já ninguém acredita.

Pensávamos que não seríamos capazes de redigir estas linhas, pelas razões apontadas e pela perda de ritmo e do hábito de escrever! Elas aí ficam, para serem desenvolvidas oportunamente, se Deus e os homens permitirem. De qualquer modo, não desejaríamos, desde já, ocultar a repulsa que nos invade, nestes tempos que se reclamam de austeridade, em ver os Homens Públicos em constantes passeatas, com numerosas comitivas; para lá dos sumptuosos banquetes e festas sugadoras do erário público. Somos um País maravilhoso, em que para governar nos ausentamos de maneira sistemática, como se nada houvesse para estudar e decidir, e em que falamos de austeridade e a pedimos, gastando perdulariamente, sem sequer atendermos às graves carências presentes a nosso lado. É preciso ter desaforo! Senhores, «é necessário que os homens responsáveis olhem e trabalhem mais afinadamente em prol daqueles que necessitam do seu auxílio», e que colocados nos altos postos sirvam devotadamente a «res publica».

Partilhando

● É pelas mãos dos nossos Rapazes que passa o trabalho da nossa Casa. E daí que saiam da sua boca muitas das preocupações do dia-a-dia. Aqui vai uma muito importante:

Era a semana do «Quicas» servir à mesa. Um serviço de todos os dias e a várias horas. Quase diríamos rotineiro. Mas não! Provas disso, di-las ele com voz triste e revoltada: — Já viu que alguns estragam comida!? Restos de comida nos pratos e nas travessas sem se poder aproveitar!? Eis a revolta daquela vozita projectada no começo da adolescência! Quanta rebeldia necessária e saudável nessa idade! Quanta vida perdida ali mesmo! Todo o bem

é pouco para que alguém o não aproveite completamente.

Temos aqui falado, mais vezes, do «Quicas». Desta, é a lição social, cheia de actualidade, que ele nos deu e motivou uma conversa a toda a nossa Comunidade sobre tão grande realidade: A fome como fonte de miséria e a comida estragada uma falta de respeito para todos. Os que nos procuram por falta de alimento, roupas, medicamentos, trabalho, tudo... Crianças pequenas, enfezadas, consequência de tão grandes problemas, como testemunho das verdades mais negras!

Cont. na 4.ª pág.

Padre Luiz



Aniversário

Em 23 de Outubro ocorreu o 97.º aniversário do nascimento de Pai Américo. Faltam só três anos para o Centenário!

Para nós — seus filhos — não é mais uma efeméride, mas uma presença afectiva, lembrança que marca tudo quanto lhe devemos por renunciar às comodidades do Mundo — com os olhos da alma no Senhor Jesus de Nazaré — para nos resgatar do «lixo das ruas» e ser Pai dos sem-família.

Vamos dar a palavra ao Padre José Monteiro de Aguiar que, para curiosidade dos Leitores, revela alguns dados significativos de seu irmão, Pai Américo, publicados no O GAIATO n.º 326 de 1/9/56:

«Baptizado dia 4 de Novembro de 1887, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, distrito e diocese do Porto, pelo Padre António da Rocha Reis, Abade da mesma freguesia. Nasceu na dita freguesia pela uma hora da noite do dia 23 de Outubro de 1887; filho legítimo de Ramiro Monteiro de Aguiar, lavrador, natural desta mesma freguesia de Galegos, e de Teresa Ferreira Rodrigues, lavradeira, natural da freguesia de Paço de Sousa, deste concelho de Penafiel, recebidos na freguesia de Paço de Sousa, paróquia desta de Galegos e moradores no lugar do Bairro (1). Neto paterno de José Monteiro de Aguiar (2) e de Albina dos Santos (3), e materno de António Joaquim Ferreira (4) e de Lourença Rodrigues (5). Foi padrinho Joaquim da Rocha (6), casado, negociante, e madrinha Maria Ferreira de Aguiar (7), solteira, filha da família. Foi o oitavo filho de Ramiro e de Teresa.

Eis os nomes dos oito filhos por ordem da idade: José, padre, missionário na Índia inglesa e depois pároco de (S. Miguel de) Paredes, Penafiel. Joaquim, lavrador, na casa do Bairro, Galegos. Maria, casada em Irivo, na casa da Carreira. Jaime, empregado superior da Companhia da Zambézia, na África, e senhor da casa de Antelagar, Paço de Sousa. João, solteiro, na casa do Bairro, em Galegos. António, formado em medicina. Zeferino, negociante na metrópole e no Brasil. Américo, empregado no comércio em África e, finalmente, sacerdote aos 42 anos de idade. Passou a infância no regaço afectuoso da Mãe, que por ser o último filho dum bando de oito e ser ele dotado dum espírito terno e caseiro, lhe dedicou sempre carinho especial, mesmo depois de o ver colocado na África. Ele não sabia viver sem a Mãe, nem a Mãe sem ele...»

Cantinho dos Rapazes

■ Vieram até nós vinte casais de antigos Gaiatos da nossa Casa do Gaiato de Setúbal. Vi-os chegar e, depois, reunidos à volta do túmulo de Pai Américo — onde alguns choraram. São tão belas as lágrimas quando a fonte é o amor e a ternura!

Um deles cresceu aqui. Laços profundos da sua família — a Obra da Rua — a substituírem os que deveriam ter nascido da carne.

Depois, visitaram tudo. A mesma mesa ao almoço e ao jantar. Também, todos unidos pela fé, à volta do Altar, na Eucaristia que celebrámos.

Disse-lhes, no momento, que a vinha que Pai Américo plantou se deve conhecer pelos frutos: boas uvas e vinho bom.

Este, o verdadeiro sentido e meta das assembleias de antigos Gaiatos. Estas serão puras e darão bons frutos na medida da nossa vida de família dentro do espírito da Obra da Rua.

Venham todos e sempre para, juntos, comungarmos a vida e aprendermos a amar-nos. Assim, tornaremos mais fortes os laços do amor na nossa grande Família.

■ No dia 6 de Outubro foi a eleição do chefe-maioral da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Só no segundo escrutínio saíu o fumo branco! Foi escolhido o «Lourinho» por mais um voto que o Nave, ficando este no lugar de sub-chefe.

Democracia pura sem cartazes nem discursos. Lisura e vida! E nós a pegá-la como a touro na praça.

Porém, nem tudo foi limpo! Uma névem escureceu um pouco: oito abstenções! É fora do espírito de Pai Américo; fere o sentido de responsabilidade; vai contra o espírito de partici-

Assim nós..., quanto mais juntos a Pai Américo, à sua alma, ao seu regaço, à sua capa negra que aconchegou tantos! — e serviu de primeiro tecto aos sem-casa, aos sem-ninguém!

Júlio Mendes

(1) Há nesta freguesia dois lugares do Bairro: Bairro de Cima e Bairro de Baixo. O Bairro de Cima é conhecido vulgarmente pelo nome de Loureiro, devido ao apelido do dono do principal casal do lugar: os Loureiros, o Loureiro. O Bairro de Baixo, onde nasceu o Padre Américo, é constituído por um só casal: a casa do Bairro dos Aguiaras.

(2) Senhor da casa do Bairro. Morreu novo, em 18 de Maio de 1853.

(3) Da casa de Rabilhas, Ordins, freguesia de Lagares. Morreu nova, do parto de Ramiro, em Julho de 1848.

(4) Senhor da casa de Antelagar, freguesia de Paço de Sousa.

(5) Oriunda da casa de Vales, Cadeade, freguesia de Paço de Sousa.

(6) Segundo tio por afinidade, do neo-baptizado, casado com Matilde de Aguiar, e morador no lugar do Outeiro, freguesia de Galegos.

(7) Irmã do neo-baptizado e moradora na casa do Bairro.

pação e amor em família. Que eles oiçam e, se são filhos, o mostrem. Aqui fica o recato.

■ O Mendão, chefe-maioral anterior, foi cumprir o serviço militar em Lamego. Estêve na eleição e fizemos-lhe a continência em pé de sentido. Falou no fim, pedindo a todos para ajudarmos os chefes, pois precisam de ajuda. O largo alcance deste pedido na vida das nossas Comunidades!... Assim o compreendam todos.

O Mendão foi um bom chefe. Soube ser amigo de todos e soube exigir, também.

Obrigados e que haja sol de

Primavera nas tuas faxinas.

■ Não deve ter havido Pobre nas zonas da Ribeira e Miragaia a quem Pai Américo não visitasse e levasse conforto. Ele conhecia todos os becos e casas degradadas.

Subi hoje a uma delas. Mas! Flores no quinteiro, brancura de cal; paredes forradas a papel; soalho novo e carpete; um bonito quarto de banho e um primor de cozinha; mobília simples e uma cama formosa à espera dos noivos! O noivo é um filho da Obra da Rua! Vão casar no dia 2 de Dezembro — mas, antes, fizeram o ninho...

PARTILHANDO

Cont. da 3.ª pag.

Eis a conversa feita a todos os nossos rapazes, naquela oração da tarde, ao ar livre, para que entendam todo o Bem e fujam do Mal.

E como nos apetecia dizer a toda a gente: — Oiçam a revolta do pequeno «Quicas» e o nosso Mundo será outro, bem melhor! Quantas crianças viveriam..., e seriam mais felizes, se o pão e o amor fossem mais e melhor partilhados!

● Era o fim do dia de uma sexta-feira de venda d'O GAIATO, no Porto. O Faustino chega a casa com muitos jornais de sobra. Pergunto porquê. A resposta traz desânimo: — Uma das firmas onde vendo está em crise... E as pessoas dizem que não recebem os salários desde Julho!

Ele distribui O GAIATO na zona industrial da Via-Norte. O que ele ouve e o que diz vai ajudá-lo a crescer, compreendendo melhor o seu trabalho de levar e buscar mensagens de alegria e sofrimento. É essa a sua missão na distribuição d'O GAIATO.

Nessa firma trabalha um dos seus colegas, mais velho; também está sem salário. A tal ponto que, há dias, me vem dizer que teria de procurar outro emprego, sujeitar-se a qualquer coisa. É verdade! A crise não se compadece com especialidades e cursos! Aos mais desprevenidos, toca de uma maneira especial. Aos mais atentos — como este nosso rapaz — apenas vai lembrar que o trabalho é um direito e um dever a respeitar, devidamente.

E assim o Faustino aprende a importância do seu dever, como mensageiro desejado por todos os que trabalham.

A crise toca-nos a todos e vencê-la-emos se todos cumprirmos as suas obrigações...

● Mais uma do «Quicas»! Ele dá muito que falar, que escrever! Mas, desta vez, houve lágrimas. O chefe avisou-o de que o iria castigar naquela noi-

te, diante de todos. Então, vem dizer que não queria estar naquele trabalho. Chamo o chefe — o Zé Carlos — e pergunto o que se passava.

— Ele não faz bem a limpeza e chega tarde ao trabalho!

— Então merece castigo...

De novo o «Quicas»: Quer saber do resultado da minha conversa com o chefe. Disse-lhe. E desata a chorar, mais pela vergonha por que iria passar diante de todos do que pela dor do castigo a sofrer. Mostrei a razão e a aceitação de tudo aquilo — e que devia sujeitar-se e saber pedir desculpa e prometer emendar-se. Só isso o poderia livrar do peso do castigo.

No outro dia quis logo saber do resultado daquela conversa e perguntei ao «Quicas» como tinha sido o tribunal. Com a cara desanuviada, responde: — O chefe não me castigou! Pedi-lhe perdão...

Quantos castigos ficam por dar, em nossos tribunais, por via disto: «Pedi-lhe perdão»! Quando há verdade e desejo de mudança... De resto não — por causa da educação e exemplo de todos.

● O pequenito que veio, há dias, lá dos lados de Santarém, é conhecido entre nós por «Patinhas». Ele já disse que gosta do apelido, mas não quer nem gosta de mais nenhum. É que às vezes aparecem vários apelidos para o mesmo! O «Salsichas» que o diga, até «Balldaraci» lhe chamaram! Por isso, o «Patinhas» é só «Patinhas» e mais nada.

Hoje de manhã quando celebrámos a Missa, na capelinha do antigo quarto de Pai Amé-

Da casa carunchosa, mordida e suja que alugaram, surgiu o milagre da renovação!

Que alegria sentiria Pai Américo! Senti por ele.

Que maravilhas se poderiam operar se todos nós (a começar pelos responsáveis) tivéssemos a preocupação de educar e dar ajuda! Isto sem ferir o degrau social de cada um; e sem nunca cruzarmos os braços perante as nossas limitações — mas partirmos delas para o concreto e positivo.

Parabéns Jorge!

Vale a pena subir os noventa e dois degraus que levam à tua casinha querida para sentirmos na alma o milagre e aspirarmos o perfume das flores que a tua noiva já colocou na janela.

Padre Telmo

rico, bateu à porta e entrou de boné branco na cabeça e a comer um naco de pão do pequeno-almoço. Encostou-se junto à janela e aí ficou, calado, calmamente. Até que eu, já curioso, pergunto o que viera fazer. Resposta franca e natural: «Vim ver o sr. Padre Telmo». Pois claro! Havia uma noite que já não o via. E como as saudades apertassem, o coração veio matá-las, assim: Na cabeça, o boné branco; na mão um bocado de pão. Que linda oração!

● Era um casal de meia idade que se apresentou assim: — Já fui ali cumprimentar o Dono desta Obra e agora deixo uma lembrança. Ali, era a Capela; o dono, Pai Américo, no túmulo de Eternidade — e Jesus Cristo no pequenino Sacrário. São Eles os donos da Obra da Rua. A nossos olhos bem mortais, isto é doutrina eterna. E pobres de nós se sa-neássemos o Dono da Obra! Ela morreria, já. Pois é Obra do Deus invisível, visível na acção e pelo coração dos homens. «A minha Obra começa quando eu morrer» — disse Pai Américo. Eis uma parcela do testamento da sua Fé na eternidade de toda a Obra feita por Deus através do Homem. Sim, toda a Obra da Rua crescerá se a Fé acompanhar a humildade. A verdade! Sem isso, somos um pouco de matéria viva a caminho da terra que nos acolheu e em pó nos transforma — sem rastos de Eternidade! Por isso, não somos donos de nada... Apenas simples instrumentos nas mãos do Dono da Obra!

Padre Moura

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel